



## O Sagrado como Elemento Transdisciplinar Paradoxal

*Prof. Dr. Luiz Eduardo V. Berni  
Psicólogo (USM), Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP),  
Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Humano (IP-USP),  
Membro Fundador do CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar)  
Membro do GP – Estudos Transdisciplinares da Herança Africana (UNIP)  
Membro do GT – Psicologia e Povos Indígenas (CRP-SP)  
[berni@usp.br](mailto:berni@usp.br)*

### **Resumo:**

A redução da realidade a um único nível gerou uma visão reducionista centrada numa única perspectiva de verdade e contribuiu, e ainda contribui, para visões fundamentalistas responsáveis por toda espécie de radicalismo. A Física Quântica solapou a idéia de uma realidade estrutura em um único nível e contribuiu para a abertura de um diálogo entre a Ciência e a Religião, além de possibilitar uma nova forma de compreensão da diversidade em sua amplitude. Neste contexto, vem ganhando relevância a partir da reflexão Transdisciplinar a reflexão sobre o Sagrado, até então marginalizado que ressurge como elemento chave neste diálogo visto como Zona de não-Resistência Absoluta que a tudo penetra. Porém, assim como é o quantum no Nível Quântico, ora onda ora partícula, o Sagrado parece ter também uma manifestação dual, ora como Zona de não resistência, ora Nível de Realidade. Como Zona de não-Resistência a tudo penetra, como Nível de Realidade manifesta-se na Egrégora das diferentes Tradições e Religiões do planeta, configurando-se, portanto, como um elemento transdisciplinar paradoxal.

### **Palavras-chaves:**

Transdisciplinaridade, Sagrado, Zona de Não Resistência, Tradições, Religiões, Paradoxo

### **Apresentação**

Inquietante é o paradoxo que muitas vezes traz perplexidade impondo a contradição. Mas por ser paradoxal um elemento, um conceito, uma questão, ou situação perde força tornando-se frágil? Talvez sim, se abordado pelo pensamento clássico, pela mente convencional inclinada à análise acadêmica unidimensional rígida; certamente não, se compreendida pela mente multidimensional que de forma abrangente em permanente diálogo se abre ao novo, ao inusitado. A reflexão apresentada a seguir é, por assim dizer, um subproduto de oito anos de pesquisa. Suscitada a partir do

Mestrado em Ciências da Religião realizado na PUC-SP, onde estudei a *Dança Circular e o Sagrado: Um estudo exploratório das relações históricas e práticas de um movimento New Age, em busca de seus aspectos numinosos e hierofânicos*, e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento Humano, realizado no IP-USP, em fase de finalização, onde estudei o processo *Self-Empowerment – Jornada de Transformação: Um Método Transpessoal de Personal Coaching Via Internet*. As primeiras reflexões sobre o assunto aqui abordado decorreram diretamente da pesquisa de Mestrado e foram publicados no livro *Educação e Transdisciplinaridade III* sob o título “O Vortex Sagrado-Profano: Uma Zona de Não-resistência entre Níveis de Realidade”, artigo que tive o grato prazer de discutir com os colegas do CETRANS numa das reuniões (virtuais) organizadas pela Companhia da Aprendizagem. Em ambas as pesquisas o Sagrado está incluído e encontra um destaque especial quando tratado à luz da abordagem transdisciplinar. O relato apresentado a seguir percorre esse caminho e amplia minhas inquietações refletidas no “Vortex”, mas evidentemente não são definitivas. Talvez o leitor encontre algumas controvérsias entre ambos os artigos, ou mesmo à luz do que é proposto por Nicolescu no que diz respeito ao Sagrado, essas são elementos paradoxais que ousou discutir. De forma alguma penso que a questão aqui proposta: “O Sagrado como elemento Transdisciplinar Paradoxal” seja definitiva, longe disso, trata-se apenas de compartilhar com os colegas o estágio atual de minhas reflexões.

## **1. O Paradoxo da Vida**

*“Amanhecia. Na verdade era ainda madrugada. Ele acordou com um sobressalto. Era preciso ser rápido para não perder o Serviço que dentro em breve teria início. Tinha que se apressar. Em pouco tempo, na Abadia de Grinbergen, Bélgica, os sinos repicariam e seria possível ouvir os suaves cantos dos monges, embalados por pesadas lufadas de incenso que encheriam o ar, saindo de um antigo turíbulo de prata, finamente decorado, uma reminiscência do século XII. Com a fumaça subiriam aos céus as preces fervorosas da Congregação, que àquela hora da manhã era apenas formada pelos religiosos. Embora o corpo ainda quisesse ficar um pouco mais no aconchego do leito, o espírito encontrava-se desperto, ávido pelo deleite do encontro com o Sagrado, que seria vivenciado no ritual.*

*Ele sentia-se acolhido por uma agradável sensação de encontro interior. Na memória, lembranças do passado, de amigos exóticos, da dança que um dia praticara. Ah, como era bom dançar e sentir-se integrado ao cósmico por meio do movimento. “Meu Deus, como minha vida é boa” - pensara. Mas não havia muito*

*tempo para se deter nesses pensamentos, pois o Irmão já havia batido à porta de sua cela.*

*O Serviço teve início. O frio da manhã lhe penetrava os ossos, mas o cântico. Ah, o cântico! Aquecia-lhe tanto a alma que ele não se importava com isso. Como se sentia bem... Uma furtiva lágrima deslizou discretamente de seu olho esquerdo. Coisa que certamente não foi notada por ninguém, pois todos estavam compenetrados nas orações, no compasso rítmico promovido pelo respirar conjunto do grupo - "Sa-a-an-c-tus"... Que bela melodia, composta muitos séculos atrás.*

*Mas seu coração era inquieto e, ao mesmo tempo em que sentia o encontro do presente, sentia saudades do passado. Da dança, do estudo. Fora feito para estudar e não apenas para rezar e plantar... Como era maravilhoso entender a profundidade do coração humano por meio de homens virtuosos como Agostinho. Ele sentia uma inquietação voraz que por vezes queimava em seu peito. Algo como uma angústia. Lembrava do passado, da dança, do deserto... Que fascínio o deserto, que um dia também visitara, exercia sobre si. Algo semelhante lhe suscitava a leitura de Nietzsche. Que inquietante colocar lado a lado Agostinho e Nietzsche!*

\*\*\*\*

*Amanhecia. Na verdade era ainda madrugada. Ele acordou com um sobressalto, era preciso ser rápido... "Mas por que é mesmo que era preciso ser rápido?" – pensou, ainda entorpecido pelo sono. Sentia um cansaço descomunal, a reunião de ontem havia acabado com ele. Ao longe um barulho estranho se fazia presente... Um som angustiante, ele sabia que tinha que levantar... Será que iria se atrasar novamente para o trabalho? De repente, sentiu um cutucão nas costas e quase caiu da cama. "O bebê!" - pensou. O bebê estava chorando, provavelmente com fome e era a sua vez de atendê-lo. Ele então se levantou meio cambaleante, procurou os chinelos, mas não foi capaz de encontrá-los. "Vou descalço mesmo, que importa?" - deu de ombros. Passou pelo quarto da criança em direção à cozinha. Acendeu uma luz. A criança silenciou um pouco, sabia que em breve seria alimentada. Mas, ele não se iludia com isso. Tinha que ser rápido ao preparar o leite, pois, caso contrário, seu cliente, o bebê, reclamaria de novo. E o que poderia ser pior, a senhoria, sua esposa, iria se indispor com ele. "Você sabe que tem que atender ao bebê, por que fica enrolando?" - ela provavelmente diria. Assim ele pensava sobre ela e nessas horas sentia uma certa raiva. Seriam, então, duas chateações. Portanto, era melhor ser rápido mesmo. Absorto nesses pensamentos, deixou o leite esquentar demais no microondas. "Que saco!" murmurou para si*

*mesmo. Pôs o bico na mamadeira, abriu a torneira da pia para esfriá-la um pouco. O bebê já começava a se impacientiar novamente. – “Merda!”, falou. Saiu apressadamente da cozinha e sem querer bateu o dedinho do pé descalço na quina do armário. Que dor insuportável! Outra lágrima furtiva lhe escorreu pelo canto do olho esquerdo. Dessa vez o palavrão não foi pronunciado em voz tão baixa assim. Ninguém viu, ou ouviu, exceto seu cliente, o bebê, que agora já estava positivamente impaciente. Entrou no quarto, aproximou-se do berço. Acendeu o abajur. A luz suave iluminou o rosto daquele pestinha que imediatamente abriu um sorriso para o pai que se aproximava. Diante disso, envergonhou-se, e esqueceu a chateação. Pegou a criança no colo e sentou-se na poltrona que se encontrava próxima. Acomodou-se, aconchegou a criança em seu colo colocando a mamadeira com suavidade na boca daquele ser impaciente que, ávido, passou a sorver seu conteúdo até que gotículas de suor lhe brotassem da testa. Ele foi se acalmando. “Graças a Deus”, pensou. Foi mamando cada vez mais devagar. Na verdade já tinha quase esgotado o conteúdo da “tetê”, assim o bebê chamava a mamadeira. Ele adormeceu junto com a criança em seu colo. Sua mente devaneava por tempos passados, quando morava na Abadia e, àquela mesma hora, costumava despertar para atender ao Serviço...”*

Esse é um paradoxo verídico, trata-se da história vivida por um cliente que num determinado momento vivia uma vida de reclusão num mosteiro medieval da Europa e noutra as loucuras de um grande centro urbano como São Paulo.

A palavra paradoxo vem do grego “*parádoxos*” cujo prefixo “*pára*” tem sentido duplo podendo ser tanto uma aproximação, quanto um distanciamento, enquanto o sufixo “*dóxa*” significa opinião. Portanto paradoxo é uma opinião conflitante. Nesta seção a título introdutório, vou abordar algumas questões paradoxais como forma de introduzir ao tema.

Inquirido sobre a crise vivida nos tempos atuais, o Dalai Lama apresenta sua opinião:

“Perguntaram ao Dalai Lama... O que mais te surpreende na humanidade? Ele respondeu: Os homens...Primeiro perdem a saúde para ganhar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido.”

Esta reflexão apresenta a dimensão paradoxal do Ser Humano que como ser contraditório está sempre em busca de vencer a contradição sem jamais conseguí-lo.

Sendo construída pelo homem, a Ciência é naturalmente contraditória. Nicolescu (1999) apresentada a questão ao comentar sobre a contemporaneidade, como sendo uma época inigualável, onde se produziu uma quantidade infindável de conhecimento, todavia quanto mais sabemos do que somos feitos, menos sabemos quem somos, o que é um dos paradoxos da ciência.

A ciência é disciplinar, seu método particulariza, enfatiza o estudo da parte para compreensão do todo, visto que seja virtualmente impossível um conhecimento científico (disciplinar) do todo. Esta

situação paradoxal levou o homem a um perigoso impasse, a uma crise global que nos assola nos dias atuais, e que ameaça nossa continuidade como espécie. Um paradoxo, não há dúvida, será possível conviver com ele? Há uma forma de resolvê-lo? Essa talvez seja a maior contribuição da transdisciplinaridade em sua postura de permanente diálogo, pois não é preciso resolver o paradoxo para conviver com ele é preciso ampliar o olhar transgredir as fronteiras para encontrar em outras formas de conhecimento, em outros saberes, novas formas de olhar, novas possibilidades, mais abrangentes, de encarar a realidade, ou as realidades, descobrindo novas (velhas) formas de agir e ser para efetivamente transcender a crise em que vivemos e o (re)encontro com o Sagrado, com o perene parece ser uma dessas formas de diálogo cujas possibilidades são potencializadas pelo olhar inclusivo da transdisciplinaridade.

O homem é um ser paradoxal, vive numa realidade paradoxal criada em parte por ele mesmo. Aceitar essa condição humana é fator crucial para transcender a crise civilizacional e adentrar numa Nova Era, pautada pelo respeito, solidariedade e cooperação, todos princípios da *ética da diversidade*, conforme preconizada por D'Ambrosio (1997), sendo esta ótica fundamental para a compreensão da reflexão que se apresentará nas próximas seções.

## **2. A questão do Sagrado**

Ao tratar do Sagrado uma questão complexa se impõe, pois há uma incrível sensação de familiaridade, um *déjà vu*, com o qual a humanidade sempre esteve envolvida. Apesar dessa ancestralidade familiar, constante ainda nos dias atuais, a primeira

questão que se coloca diz respeito à real origem de sua existência. O Sagrado existiria por si só ou se trataria de uma criação humana?

O Sagrado sempre circundou minha vida, desde tenra idade lembro-me de situações de vivências numinosas que me envolviam de maneira mágica e assustadora, como é próprio do numinoso<sup>1</sup>. Com o passar do tempo, e a partir de uma prática espiritual consistente pude compreender suas diferentes facetas que foram ampliadas com a reflexão sobre o tema realizada na Academia. Espero que esta afirmação não leve o leitor a distanciar-se destas páginas, ao contrário, espero como expressou Otto (1985) a seus leitores, que o leitor delas se aproxime com vivo interesse questionando e dialogando com suas próprias convicções e experiências.

A reflexão sobre o Sagrado, é relativamente recente. Primeiramente não havia reflexão propriamente, pois o Sagrado era apenas vivenciado, como na Dança Circular, visto que a partir dele a sociedade se organizava. Falar sobre o Sagrado é necessariamente falar sobre Religião. Segundo Padem (1992) a palavra latina *religio* que significava “observância sagrada” ou “piedade”, e dá origem à palavra religião. Discutida amplamente pelos antigos que queriam saber qual “era a verdadeira *religio*”. Ao se apropriar da palavra, o cristianismo aplicou o conceito à sua própria forma de lidar com Sagrado, à sua devoção, explicando a si mesmo como sendo a verdadeira *religio*. Foi somente no século XVII que começaram a aparecer livros sobre outras religiões, que até então eram apenas “vivas” localmente em suas culturas. No século XIX o campo religioso começou a ser reconhecido como área de conhecimento (saber) e foi colocado ao lado da arte, da política e de outras formas de conhecimento humano.

Evidentemente a existência do Sagrado é a condição *sine qua non* do universo religioso, mas não o é para a ciência que o considera uma instância humana. Na história do homem é comum encontramos inúmeros abusos feitos em nome do Sagrado, em nome da “verdadeira *religio*”. Desta forma, com o desenvolvimento do raciocínio científico seria esperado que surgisse uma crítica ferrenha a essa instância e, a partir de tal crítica, feita por autores de relevo como por exemplo Durkheim e Freud, o Sagrado foi relegado a um segundo plano, mas nunca deixando, entretanto, de existir e de se manifestar. Para outros autores, como Rudolf Otto e Mircea Eliade, por exemplo, o Sagrado existe como instância do real e precisou ser resgatado em sua verdadeira essência e formulação.

---

<sup>1</sup> Do latim *Numem* que significa divindade. O termo foi concebido por Rudolf Otto (1985) para referir-se às propriedades

## 2.1 A Capacidade Humana de Perceber o Sagrado: O *Numinoso*

O termo numinoso vem do latim *numem* que significa divindade, este termo foi cunhado por Otto (1985) numa busca de ressignificar o Sagrado, cujo “conceito” havia sido desvirtuado ao longo do tempo. Trata-se, pois de uma categoria *sui generis*, que diz respeito ao exclusivamente religioso, mas que pode ser encontrado noutros domínios, como, por exemplo nas artes. Trata-se do elemento que dá vida a uma religião. Esse posicionamento fez com que o Sagrado recuperasse sua dignidade abalada pelos abusos sofridos ao longo da história, ao mesmo tempo evitou o conflito com a ciência racionalista.

A pesquisa de Otto, que era um religioso, se deu na busca por legitimar a capacidade humana de percepção do Sagrado que havia sido esquecida em função da crítica racionalista e dos abusos praticados em nome da religião. Para Otto essa capacidade humana situa-se no campo do emocional e não do racional. Fato que ajudou a evitar conflitos com a ciência, cuja preocupação está no campo da racionalidade. Mas em sua sutileza, Otto afirma que o *homo sapiens* é antes de tudo um *homo religiosus*. Se olharmos com o devido distanciamento tais formulações, perceberemos que ao afirmar a ancestralidade do Sagrado, e o fato do homem se ver apartado de sua capacidade em percebê-lo, priorizando outras formas de percepção, Otto faz uma crítica sutil ao espaço ocupado pela racionalidade científica, cujo status havia posicionado a Ciência no mesmo nível hegemônico “perigoso” que a Religião ocupara outrora.

Após situar o Sagrado como numinoso, fez uma detalhada análise dos componentes não-rationais, presentes nessa forma de percepção. Primeiramente, procurou reconhecer esses elementos em algumas emoções primais que o ser homem é capaz de vivenciar no contato com o Sagrado. Esse aspecto é fundamental na concepção de Otto, pois os sentimentos primais por ele descrito, podem ser vivenciados de outras formas no cotidiano, estes últimos sentimentos, porém, decorrem dos primeiros. Tais sentimentos primais, por assim dizer, encontram-se preservados na memória da humanidade e só podem ser acessados na percepção do *Sagrado*. Embora ao apresentar o *Numinoso* Otto fale em “vários” sentimentos, a percepção do Sagrado deve ser entendida na ordem do Complexo, portanto, do irredutível. É por esta razão

que em termos transdisciplinares se afirma que o Sagrado não se sujeita a qualquer redução.

#### **a) Sentimento de Criatura**

Sua primeira constatação, foi quanto ao sentimento de criatura. Trata-se de um sentimento totalizante<sup>2</sup> de dependência absoluta, na percepção do inefável, do transcendente, do majestoso, que faz com que o ser humano sintam-se pequeno, insignificante, “como uma criatura frente ao seu Criador”. O reconhecimento da magnificência do Numinoso faz surgir no Homem sentimentos paradoxais, que o faz, ao mesmo tempo, querer fugir e se aproximar do Sagrado num misto de terror e fascínio.

#### **b) Sentimento de Temor**

É o sentimento da criatura que leva o homem a dimensionar a grandeza do Sagrado através de um outro sentimento, que Otto afirma ser o temor (tremor), um medo daquilo que é totalmente diferente, portanto uma vontade de distanciar-se daquele “monstro sagrado”<sup>3</sup>. Esse sentimento revela a inacessibilidade absoluta do Sagrado que pode ser entendido por sua raiz latina *sacer* (aquilo que não pode ser tocado sem sujar) que, não obstante, de maneira misteriosa, se revela à consciência humana.

#### **c) Sentimento de Fascínio**

Eis outro elemento paradoxal, pois ao mesmo tempo em que a percepção do Sagrado paralisa, distancia, também é capaz de atrair fascinar, sendo ao mesmo tempo misteriosa. Esse sentimento se desdobra nos sentimentos de alegria, felicidade, compaixão, amor e graça.

#### **c) Sentimento de Mistério que Faz Tremer**

O temor e o fascínio suscitam um mistério cuja raiz sânscrita *MUS*, indica uma ação oculta, escondida, misteriosa. *Mysterium* significa qualquer coisa de secreto, algo que nos é estranho, incompreensivo, inexplicado. Ao deparar-se com o Sagrado o homem se torna extasiado. O corpo produz sensações fisiológicas definidas, arrepios, alterações de estado de consciência, convulsões, espasmos, alucinações. Um sentimento que faz calar e provoca um profundo silêncio na alma.

---

<sup>2</sup> Que toma o ser humano totalmente, completamente.

<sup>3</sup> Expressão popular que bem representa esse sentimento primal.



#### **d) A Majesta do Totalmente Outro**

É bastante interessante se analisar a “majesta”, que é um sentimento complementar ao temor ao fascínio, ela evidencia uma percepção do Sagrado como inacessível. Trata-se de uma dimensão de poder, de força, de superioridade do “totalmente outro”, um superpoder que enfatiza sobremaneira o sentimento de criatura. No êxtase místico, porém o homem rompe com essa separatividade e vivencia o Sagrado. Isso todavia implica num esfacelamento do Eu, numa absorção da personalidade, numa perda da identidade. Então o Sagrado é vivenciado a partir de sua raiz etrusca **sac** que significa fazer uma coisa tornar-se real.

#### **d) A Energia do Sagrado**

O poder que confere ao Sagrado essa soberania absoluta sobre o humano sustenta-se, mantém-se preservado por sua energia que diferente dos demais elementos permanece sempre inalterada, sendo responsável por existência e preservação perene até nossos dias.

### **2.2 A Manifestação do Sagrado: A Hierofania**

Enquanto Otto ocupou-se dos sentimentos, Mircea Eliade ocupou-se da corporificação, da manifestação do Sagrado e assim como o primeiro também cunhou um termo para explicar tal situação. O termo cunhado foi *Hierofania* do grego *hieros* (sagrado), trata-se, pois de quando “algo sagrado se revela”.

A manifestação do Sagrado é de ordem simbólica, pois este é, por assim dizer projetado num objeto intermediário, numa “coisa” que o contém. Essa coisa, ao contrário do se possa pensar, é absolutamente comum, ou seja, qualquer objeto pode conter o Sagrado. Isso confere a *hierofania* um aspecto paradoxal, de modo a podermos afirmar que tudo é Sagrado, ao mesmo tempo que, nada é necessariamente Sagrado.

Para Eliade as *hierofanias* são de duas categorias: (1) Elementares, quando o Sagrado se manifesta sobre um objeto, uma pedra um cálice, uma cruz; (2) Supremas quando este assume a forma de uma divindade viva, como a encarnação de Deus.

Desta forma, as *hierofanias* tem sempre um caráter dual, pois simultaneamente são e não são sagradas. São sagradas, pois atuam como receptáculo, e não o são porque o receptáculo é algo comum.

### **3. Os Níveis de Realidade e o Sagrado como Zona de não-Resistência**

A transdisciplinaridade concebe a realidade como sendo complexa e multidimensional, constituída por diferentes níveis, os Níveis de Realidade, e compreensível por diferentes abordagens lógicas ou dialógicas.

Essa visão de realidade encontra ressonância no corpo de conhecimento de muitas culturas tradicionais e se contrapõe à visão apresentada pela Física Clássica, de uma realidade explicável por uma lógica causal e determinista. Trata-se do Nível Quântico e, para compreender os fenômenos desse nível é preciso recorrer a uma abordagem cuja lógica seja distinta da lógica clássica, uma vez que desrespeita o princípio da não-contradição. O quantum é partícula (corpo) e onda (energia), ou não é nem corpo, nem energia simultaneamente. E ainda, sua localização é imprecisa e só pode ser definida em termos probabilísticos.

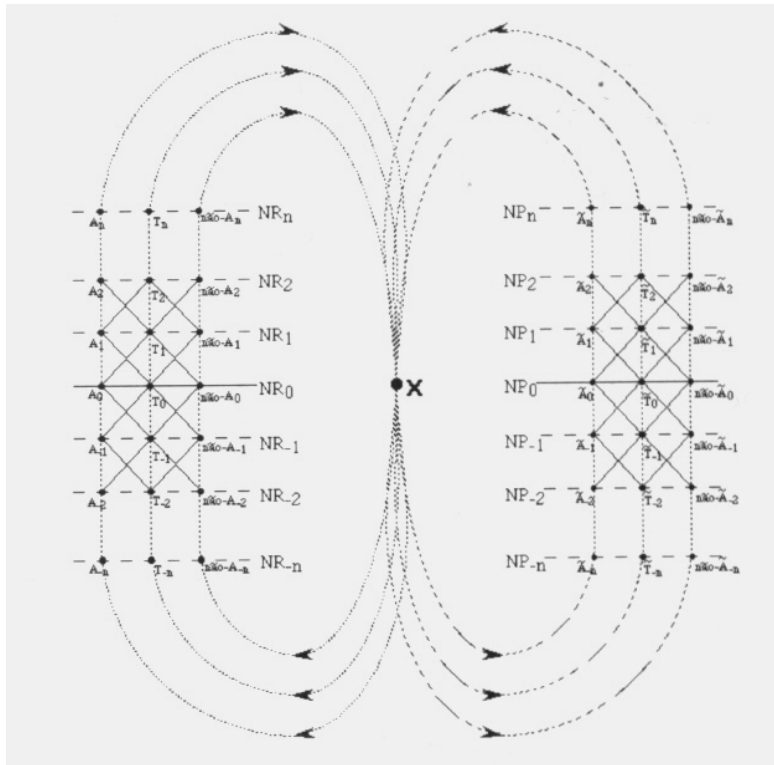
Segundo Nicolescu (1999) a Realidade não é somente um construto social, um senso coletivo. É também uma dimensão trans-subjetiva composta por Níveis de Realidade. Um Nível de Realidade é um conjunto estruturado de sistemas que têm permanência. São invariantes, agindo sob a ação de determinados princípios ou leis, compreensíveis por lógicas específicas. Fato que confere ao nível a “solidez” necessária para que este se configure. Por isso, por exemplo, é impossível compreender o Nível Quântico com a mesma lógica com que se compreende o Nível Macro-Cósmico, este regido pelas “Leis de Newton”.

A Abordagem Transdisciplinar descreve uma Realidade constituída em níveis, que podem ser infinitos e são orientados por um aspecto fixo, ontológico ou imutável - o Sagrado, conforme representado na Figura 1. O Sagrado penetra todos os Níveis de Realidade e lhes confere coerência. Trata-se de um *bootstrap*<sup>4</sup> cósmico, uma imensa autoconsciência, Consciência Cósmica, que a tudo penetra.

---

<sup>4</sup> Do inglês “tira de bota” semelhante a um cadarço de calçado.

Na Figura 1 é apresentada a concepção de Bassarab Nicolescu para representar os Níveis de Realidade. O ponto "x" é a orientação básica de onde surgiram e para a qual se orientam os Níveis de Realidade. Ele pode corresponder ao Sagrado. Do lado esquerdo do gráfico temos uma representação dos Níveis de Realidade e do lado direito os Níveis de Consciência ou de Percepção correspondentes a faculdades psicológicas que possibilitam a compreensão dos Níveis de Realidade.



**Fig. 01 – Esquema dos Níveis de Realidade segundo Bassarab Nicolescu (NICOLESCU, 2002, p. 47)**

Essa orientação básica do Sagrado perpassa a todos os Níveis de Realidade conferindo coerência a todos eles. Por sua vez, os níveis ligam-se entre si por estruturas dialógicas, ou por uma lógica do tipo "lógica do terceiro incluído" conforme afirma Nicolescu (1999). Considerando que um NR é regido leis próprias explicáveis por uma lógica própria que oferece resistência aos demais níveis, superiores e inferiores, numa auto-organização que confere consistência ao nível a coerência entre os níveis só será possível se houver uma Zona de não-Resistência que os atravesse a todos sendo este o papel do Sagrado nesta formulação. Esse elemento que não se submete a nenhuma redução é segundo Nicolescu o Sagrado. A esse conjunto de NR e a Zona de não-Resistência denomina-se de "objeto" transdisciplinar. Por sua vez os diferentes NR tornam-se acessíveis porque o ser humano é capaz de percebê-los. Assim como nos NR a percepção é perpassada pelo mesmo elemento irreduzível, o Sagrado, e a esse conjunto denomina-se de "sujeito" transdisciplinar. Assim o Sagrado é aquilo que liga.

Nicolescu, a exemplo de Otto e Eliade, afirma ser o Sagrado uma experiência que se traduz nos sentimentos que induz a consciência ao respeito absoluto (NICOLESCU, 1999 p.126). Apesar dos NR serem atravessados pelo Sagrado, do ponto de vista da experiência cotidiana, não é fácil perceber a existência do Sagrado, a Zona de não-Resistência ou de transparência atua como um véu e desta forma pode passar “desapercebida” atuando como o terceiro secretamente incluído dentro do NR (NICOLESCU, 2002 p.56)

#### 4. O Sagrado como Nível de Realidade: um Paradoxo

Como vimos um NR se caracteriza pela estabilidade que lhe é conferida pelas leis que o regem de modo que sua não variação confere consistência e estabilidade ao nível. Ao mesmo tempo, vemos que a coerência entre os Níveis de Realidade se dá pelo Sagrado que os perpassa como um elemento, o “terceiro” (*bootstrap*), que secretamente incluído, ou velado (como um véu), confere unidade à Realidade última, divergindo e convergindo de e para um ponto “X” (Deus?). É pelo Sagrado que se unem objeto (NR) e o sujeito (NP) transdisciplinar numa zona de resistência absoluta. É pelo *numinoso* que o percebemos, pelo êxtase místico que nele penetramos e é pela *hierofania* que lhe conferimos sentido simbólico.

Afirma Nicolescu: “As culturas e religiões não dizem respeito apenas a fragmentos de níveis de Realidade: elas envolvem simultaneamente um nível de Realidade, um nível de percepção e fragmentos da zona de não resistência do sagrado. Em outras palavras, as culturas e religiões correspondem a uma seção horizontal bem definida [da figura 1]” (NICOLESCU, 2002, p. 58). Ora uma seção bem definida nesta figura corresponde a um Nível de Realidade e a um Nível de Percepção a ele associado, portanto a uma Zona de Resistência Absoluta organizada de forma complexa em diferentes Níveis de Organização, culta, religiões etc.

Considerando que um Nível de Realidade é composto por diferentes Níveis de Organização que refletem sua complexidade. E que estes NO são regidos pelas mesmas leis<sup>5</sup> e, considerando também o caráter *hierofânico* e *numinoso* do Sagrado presente em todas as religiões, poderíamos afirmar que o Sagrado, além de perpassar todos os NR como uma Zona de não-Resistência Absoluta configura-se como um Nível de Realidade ele mesmo, passível de ser apreendido e compreendido por “leis

---

<sup>5</sup> Segundo Patrick Paul (s.d) os NO são muitas vezes confundidos com NR em função dessa complexificação.

psicológicas próprias”, o que reafirma seu caráter do a-racional e irreduzível, e que nas diferentes culturas se expressa através da Religião. Assim sendo, o conhecimento das diferentes tradições<sup>6</sup>, nada mais seria do que Níveis de Organização do Sagrado como Nível de Realidade, a partir da codificação de sua complexidade. Esse argumento encontra reforço no pensamento de Husserl, conforme citado por Nicolescu (2002) que ao apresentar a realidade formada por níveis considera no mesmo grupo as artes, a filosofia e a religião.

Assim, o Sagrado configura-se como um elemento transdisciplinar paradoxal, pois atravessa todos os NR e NP se apresentando como Zona de não-Resistência Absoluta, uma energia intangível, velada que como um grande *bootstrap* cósmico conecta tudo. Ao mesmo tempo, manifesta-se como Zona de resistência absoluta, um NR, corporificado de maneira estável através das diferentes religiões. O papel das diferentes tradições, neste contexto parece ser o de interprete da complexificação (NO) desse nível que por meio de uma *autopoiesis* vai estruturando em diferentes egrégoras que se manifestam em seus ritos, mitos e dogmas.

Desta forma, a exemplo do Quantum no Nível Quântico que se manifesta paradoxalmente como energia e onda, o Sagrado pode ser entendido como um elemento transdisciplinar paradoxal, pois é Zona de não-resistência que penetra todos os Níveis de Realidade e Nível de Realidade cuja complexidade está expressa nas Egrégoras das diferentes Tradições.

---

#### Referências:

- BERNI, L. E. V. *Self-Empowerment – Jornada de Transformação: Um Método Transpessoal de Personal Coaching Via Internet*. Tese de Doutorado. São Paulo Instituto de Psicologia – USP, 2008. 240p.
- \_\_\_\_\_. “O Vortex Sagrado-Profano: Uma Zona de Não-resistência entre Níveis de Realidade. In FRIAÇA, A. ALONSO, L. K., LACOMBE, M., BARROS, V. M. *Educação e Transdisciplinaridade III*. São Paulo: Triom, 2005. 535p.
- \_\_\_\_\_. *A Dança Circular Sagrada e o Sagrado: Um estudo exploratório das relações históricas e práticas de um movimento New Age, em busca de seus aspectos numinosos e hierofânicos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2002. 208 p.
- D’AMBROSIO, U. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997. 174p.
- NICOLESU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999. 153p.

---

<sup>6</sup> citando Paul (s.d.), “do latim *traditio*”, ação de transmitir, de dar uma forma legal ou ritual, *traditio*”, substantivo de

\_\_\_\_\_. "Um Novo Tipo de Conhecimento- Transdisciplinaridade". (13-29) In NICOLESCU, B. PINEAU, G., MATURANA, H. RANDON, M., TAYLOR, P. *Educação e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2000. 185p.

\_\_\_\_\_. "Fundamentos Metodológicos para o Estudo do Transcultural e Transreligioso" In SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V.M. (org) *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002. 216p.

OTTO, R. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985. 172p.

PADEN, W. E. *Interpretando o Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1992. 234p.

PAUL, P. "Os Diferentes Níveis de Realidade entre Ciência e Tradição", São Paulo: CETRANS disponível em [www.cetrans.com.br](http://www.cetrans.com.br) acessado em 25.10.2007